



Tradução literária: cânone e nação em debate

Este número tinha o objetivo de reunir artigos sobre tradução literária, que dissertassem em alguma medida sobre cânone, nação e questões de gênero. Pretendíamos, assim, fornecer um dossiê que dialogasse com um campo teórico que vem se remodelando nas últimas décadas. Esse processo coincide com uma leitura atenta da teoria de Derrida (1985), que teve uma vasta recepção no Brasil e nos Estados Unidos e foi uma figura central no desenvolvimento das diferentes vertentes do pós-colonialismo e do decolonialismo, cuja ideia de universalidade é questionada e desconstruída. Com efeito, Haroldo de Campos funciona como peça-chave no Brasil no questionamento tanto do paradigma da universalidade como do imperativo de unidade, que Silviano Santiago (2019, p. 17) também problematiza em “O entre-lugar do discurso latino-americano”: “A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza”. Santiago ainda vai além: “[...] estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz”.

A metáfora progressista da coesão social moderna, seguindo as palavras de Homi Bhabha, que afirma “muitos como um” é “compartilhada por teorias orgânicas do holismo da cultura e da comunidade e por teóricos que tratam gênero, classe ou raça como totalidades sociais que expressam coletivas unitárias” (Bhabha, 2019, p. 203). Desde o processo de reconquista cristã na Espanha, com a tomada de Granada em 1492, o processo de forjar a ideia de uma nação unitária sempre foi evidente como um planejamento de Estado. Isso também se deu nas Letras, com a formação de um cânone coeso e com variações de ordem apenas estilística. No entanto, a história da Espanha contada por meio das comédias de Lope de Vega pode ser considerada uma síntese dos fatos históricos? Como articular as diferenças culturais dentro da “vacilação de ideologia da qual o discurso nacional também participa” (Bhabha, 2019, p. 208)?

No plano teórico, Haroldo de Campos constitui um exemplo produtivo de descentralização da visão europeia de cânone e da inserção do componente latino-americano no plano teórico. A aproximação de Haroldo com autores como Julio Cortázar demonstra aquilo que o poeta



concreto denomina “projeto literário que envolvia a retomada da linha de revolução da linguagem” (Campos, 2010, p. 119) e que envolvia também a transcrição de textos desses autores. Com efeito, Haroldo pensa a tradução como ficção, na contramão da ideia de que as *traduções envelhecem*, ou melhor, que *apenas* as traduções envelhecem. Em outras palavras, o autor retira do texto de partida qualquer relação com a história e postula que esse *acontecimento literário* estaria imune ao envelhecimento. Ou ainda nas palavras de Marcos Siscar, “[...] qualquer texto está submetido à história, à lógica da derivação ou do abandono. A poesia atravessa e chega; mas pode eventualmente não chegar. A poesia é mortal. Como a tradução, a poesia é transeunte” (Siscar, 2021, p. 12).

Conferir historicidade ao texto e à sua tradução não apenas aponta para a disputa em jogo entre discursos temporalmente distantes, como exige do tradutor um gesto político de atribuição de sentido ao texto. Traduzir é trazer o texto à vida, em um novo contexto, produzindo uma nova forma de vida. Essa nova forma de vida exerce um poder, como afirma Lawrence Venuti (2019, p. 138) “na construção de representações de culturas estrangeiras”.

Os primeiros artigos apresentam o trânsito entre a Itália — e não apenas — e o Brasil. Em “O cânone em revisão: escritoras italianas traduzidas no Brasil (1925-2025)”, Andréia Guerini e Monalisa Cristina Teixeira mapeiam e analisam criticamente as obras de autoras italianas publicadas no Brasil entre 1925 e 2025. As autoras lançam mão de bases como *Index Translationum*, do *Dicionário de Tradutores Literários* (DITRA) e do *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida* (DBLIT). Raphael Salomão Khéde debate em “A tradução da obra de Jorge de Lima através das cartas enviadas por seus correspondentes estrangeiros (1928-1953)” a tradução, a recepção e a crítica de Jorge de Lima, um dos mais relevantes poetas brasileiros do século XX.

Os artigos seguintes têm em comum a análise de traduções de autores hispânicos. Em “(In)submissão feminina à censura masculina: leitura crítica e tradução de dois contos de Emilia Pardo Bazán”, Maria Mirtis Caser, Rivana Zaché Bylaardt, Sérgio Wladimir Cazé dos Santos discutem a tradução de *El encaje roto* e *La resucitada*, de Emilia Pardo Bazán, uma das mais relevantes escritoras espanholas, tendo em vista trabalhos como os de Olga Castro. Andréa Cesco e Luzia Antonelli Pivetta apresentam em “Características culturais e de estilo presentes na tradução comentada de *Cocos y Hadas* de Julia de Asensi” um debate por meio da tradução comentada de obras da literatura infantil espanhola. Em “José Monegal por outro lado: desdobramentos da tradução”, Carlos Garcia Rizzon analisa a tradução de contos do escritor uruguaio, refletindo sobre coloquialismos que caracterizam o regionalismo pampiano e com a base teórica de autores como Haroldo de Campos.

No texto “*Um defeito de cor*: um romance intersemiótico ou as semioses de um romance”, de Dóris Dias dos Santos, há a análise do romance *Um defeito de cor* como uma experiência artístico-tradutória intersemiótica, sinestésica, problematizando questões de raça e gênero a partir de autores como Édouard Glissant.

Os dois artigos seguintes trazem o universo de Ben Jonson e William Shakespeare a partir de teorias que desestabilizam a visão canônica desses clássicos ingleses. Em “*Volpone’s* queer interlude: Ben Jonson as a rewriter of Lucian of Samosata’s work”, Leonardo Bérenger Alves Carneiro e Amanda Fiorani Barreto lançam mão da teoria *Queer*, a partir de autores como Judith Butler,

para refletir sobre a posição de Ben Jonson (1572-1637) como um adaptador ou apropriador dos Clássicos. Leonardo Davino de Oliveira e Luciana Ferreira atualizam o debate sobre uma das obras mais conhecidas de William Shakespeare em “De *Hamlet* a *Ham-Let*: A tradução como trabalho da performance”. O estudo apresenta a ideia de tradução antropófaga para desierarquizar o texto shakespeariano.

Em “Nós, os lacaios da denotação: a tradução filosófica em seu confronto com o espelho poético”, Lucas Lazzaretti reflete sobre a tradução de textos filosóficos, analisando a falta de atenção ou mesmo no desprezo que muitas vezes os tradutores de filosofia têm em relação aos elementos conotativos do texto.

Nosso número apresenta duas resenhas. *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça*, de Silviano Santiago, é apresentado por Rodrigo Felipe Veloso. Já Ana Carolina Carvalho Monaco da Silva resenha *The Classics in Modernist Translation*, de Miranda Hickman e Lynn Kozak.

Finalmente, nosso número apresenta a tradução do escrito de Lawrence Venuti, cujo título é “Theses on Translation: An Organon for the Current Moment” (Teses sobre tradução: um *órgano* para o momento atual).

Que a leitura deste dossiê seja proveitosa e contribua com a pesquisa de quem se dedica ao estudo teórico da tradução literária.

Wagner Monteiro e Rebeca Hernández

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2019.
- CAMPOS, Haroldo. **O segundo arco-íris branco**. São Paulo: Iluminarias, 2010.
- SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: **Uma literatura nos trópicos**. Recife: CEPE, 2019.
- SISCAR, Marcos. A tradução extravagante: Maria Gabriela Llansol, leitora de Baudelaire. In: SISCAR, Marcos; Moraes; Marcelo Jacques de; Cardozo, Maurício Mendonça. (Org.). **Vida Poesia Tradução**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021, p. 11-49.
- VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**. São Paulo: UNESP, 2021.

